

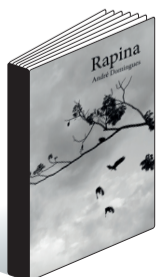
A liberdade de manipular os factos que a si própria se outorga dá corpo a uma efabulação que Ulisse designa como um tempo a fingir (expressão onde ecoa o famoso poema de Fernando Pessoa), por isso procura incessantemente reescrever, desconstruindo, a história da irmã.

Parodiando a expressão que antecede a dedicatória deste romance – “Ride to Live, Live to Ride” –, podemos dizer que esta é a história de uma jovem que escreve para viver e vive para escrever. Se para Annina a escrita é libertadora das agruras da vida real e construtora da existência que para si tinha sonhado, a leitura das várias reescritas que na efabulação se encenam é um exercício de pura magia que inquieta, surpreende e prende o leitor desde o primeiro momento, desafiando-o a entrar num tempo em que o fingimento criador é um modo de sobrevivência. **JL**



► **João Pinto Coelho**
UM TEMPO A FINGIR
Dom Quixote, 400 pp, 17,70 euros

lado, há, por vezes, um excesso de procura do inusitado (“Um girassol caiu morto/ no tropismo da miséria”; “era lenta a prosperidade do sal”, “Sobre a petulância do sexo/ há quem faça piscinas”) que conduz a uma espécie de beco sem saída. André Domingues, na verdade, com este seu livro, é uma voz poética forte, não há dúvida. O autor, que tem já sido reconhecido com alguns prémios (o Literatura Fnac em 2011), possui um imaginário poderoso, linguisticamente versátil, ousando o que poucos ousam. *Rapina* é um livro a caminho dum próximo e antecipa, em muito, com poemas que marcam o nosso tempo, o livro que virá confirmar a sua arte de tensa criação verbal. **JL**



► **André Domingues**
RAPINA
Douda Correria, 10 euros

Maria do Rosário Pedreira

A forma da crónica



OS DIAS DA PROSA
Miguel Real

A crónica, enquanto registo literário, é dos géneros mais difíceis de realizar devido à sua contaminação pelo universo jornalístico. Transformar uma crónica jornalística em texto literário afigura-se como uma das tarefas mais difíceis para um escritor. Relendo o livro de Fernando Venâncio, *Crónicas jornalísticas do século XX* (2004), constatámos que esta transformação se deve, não ao conteúdo do que é escrito, mas à estrutura formal dada à crónica, pela qual se deteta o seu quid literário. A crónica atual, como texto curto sobre temas do quotidiano, só abandona o seu estatuto jornalístico *prima facie* quando recebe o selo da literariedade, que a eleva a um estatuto diferente, o propriamente literário. É o caso das crónicas constantes de *Adeus, Futuro*, de Maria do Rosário Pedreira (MRP), ora publicadas em livro depois de, ao longo de um ano e meio, terem sido originalmente publicadas no Diário de Notícias.

A forma estética prestada por MRP às suas crónicas consiste em assumir o sentido literal do termo “crónica” como passagem do tempo (“crónos” = tempo) e, neste sentido, evidenciar solidamente em todas e em cada uma esta passagem. Como que cada crónica possui a forma de uma onda, que ao longe se vai lentamente formando (o passado), depois se consolida e se eleva como uma massa de água em movimento (o presente), até que, quando o leitor espera que ela desabe abruptamente sobre a costa, ferindo a rocha ou a areia, a onda permanece em suspensão através da imagem levantada por uma frase, presente em todas as crónicas e que dá título ao livro, “Adeus, futuro”, forçando o leitor a convocar o passado e o presente e, em função de ambos, a imaginar como será o futuro, necessariamente diferente e, por vezes, com a suspeição de que será inferior (pior?) do que o tempo passado. Isto é, figurar o futuro como uma clareira aberta, que tanto pode ser uma benigna continuidade do presente, como uma explosão ou um estilhaçamento deste, gerando uma nova sociedade não só diferente como culturalmente mil vezes pior.

Neste sentido, a literariedade das crónicas de MRP consiste em assumir, com originalidade, as três dimensões do tempo, evidenciando assim o movimento do tempo. Dificilmente se encontrará outro autor – a não ser Eça de Queirós, por vezes Vasco Pulido Valente, que nas suas crónicas convocava sempre o século XIX ou a primeira República como exemplos – com um registo

estético semelhante. “Adeus, futuro” como frase derradeira, não só transfere a continuidade de cada crónica para o leitor, que assim se vê interpelado a continuá-la imaginando como será o futuro em função do tema explorado, e, portanto, a atribuir-lhe um valor ético (apenas diferente, melhor, pior, igual – a autora confessa que escreveu as crónicas sublinhando algum “descrédito no futuro”, p. 168). Deste modo, o final constante – “Adeus, futuro” – é uma espécie de “bomba atómica” literária, que, sem falar do futuro (a onda permanece sempre em suspensão) dá sentido a todas as crónicas numa direção, diz Ferreira Fernandes no “Prefácio”, “revolucionária conservadora” (p. 9), estabelecendo a unidade propriamente literária a uma multidão de crónicas avulsas, que ressoam entre si como se fossem uma só porque alimentadas pela mesma forma temporal.

Sobre os temas abordados, são, como particular à crónica, os mais diversos, em primeiro lugar, e com destaque, a exploração da memória pessoal da autora, memória da infância, mas também memória social e cultural, igualmente memória profissional, como professora, como poeta e como editora. Depois, o meio, sobretudo a cidade de

Lisboa, algumas fugas para o campo, viagens ao estrangeiro, férias na praia ou no campo e a constatação de como o presente é qualitativa e culturalmente inferior ao passado – logo, o futuro, adeus! Depois, ainda, a nova tipologia humana das redes sociais, das novas profissões, do império da língua inglesa exercitada por esta nova fauna do presente. Praticamente, todas as crónicas, para além da família, a da origem e a atual, estendem-se comentários e reflexões sobre traços culturais, da língua à literatura, sobre o antes e o depois do 25 de abril de 1974, sobre exposições, sobre autores preferidos, etc., etc., enfim, todos os múltiplos assuntos que a amplitude e a liberdade da crónica permitem.

Do ponto de vista ideológico, existe em *Adeus, Futuro* uma evidente denegação do atual pensamento “politicamente correto”, encarado por vezes como uma espécie de nova infanti-

lização dos costumes, de uma desresponsabilização do passado e da subordinação do todo da comunidade a um individualismo narcisista. Em troca de uma filosofia dita “pós-moderna”, que alimenta o “politicamente correto”, MRP sugere, pelo conteúdo das suas crónicas, a assunção de um humanismo esclarecido que prolongue e realize as grandes promessas da modernidade, ao modo de Habermas.

Certamente que, pela sua qualidade notória, quando, dentro de cem anos, um outro Fernando Venâncio se der ao trabalho e ao prazer de reunir uma antologia das melhores crónicas do século XXI, incluirá uma de Maria do Rosário Pedreira – sugiro a esse literato habitante de um mundo pós-alterações climáticas, ou nelas ainda dramaticamente envolvido, que escolha uma entre as quatro crónicas seguintes, representativas de todas elas: “Falta de educação” (pp. 153-154), “Modernices” (pp. 79-80), “Plastificados” (pp. 121-122) ou “Uma banana para Cambridge” (pp.135-136). **JL**



Maria do Rosário Pedreira



► **Maria do Rosário Pedreira**
ADEUS, FUTURO
Quetzal, 173 pp., 16,60 euros.